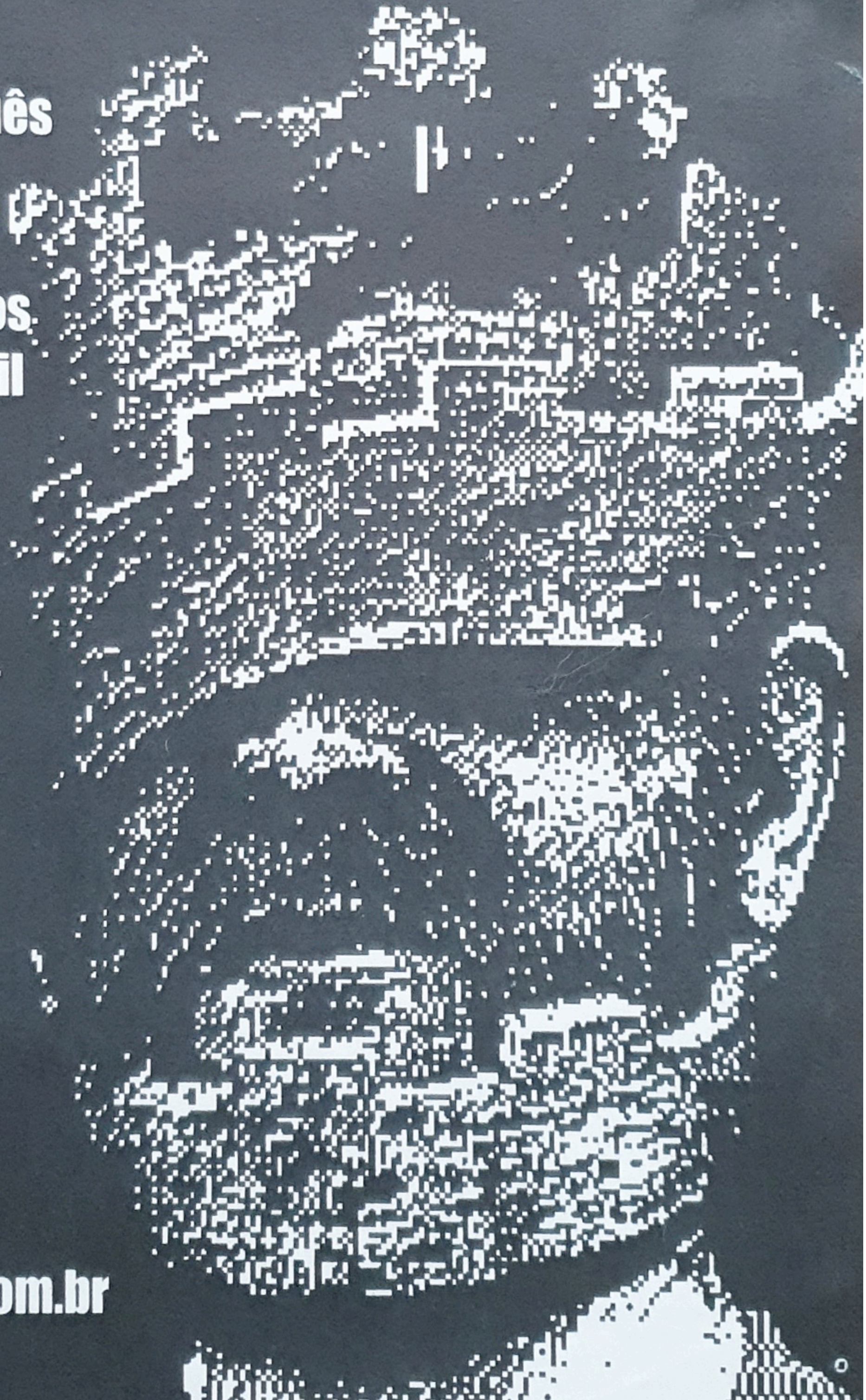
Anexo Encucado

Março/abril
2001
Nº zero



- Todos os Por Quês do CUCA

- A construção dos CUCA´s pelo Brasil

- Seminário de organização dos CUCA´s

- Do CPC ao CUCA

UNE

cuca.atua@bol.com.br

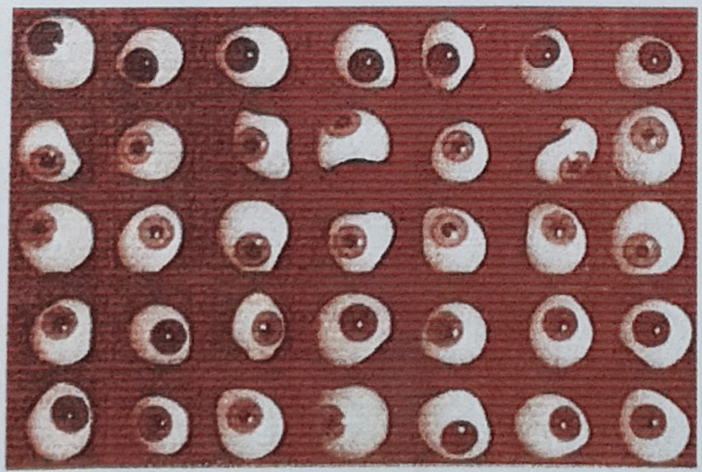
UM CENTRO CULTURAL DOS ESTUDANTES

A principail idéia que anda circulando pelo CUCA é a criação de um Centro Cultural, gerido exclusivamente por estudantes. Mesmo não sendo o único, um Centro Cultural é um importante instrumento para a concretização de uma política cultural. Ele realiza atividades capazes de interferir efetivamente na vida de uma localidade ou segmento, ampliando sua influência.

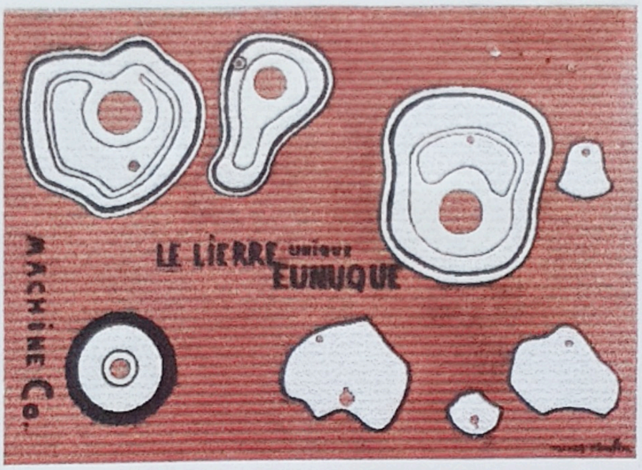
Uma marca dos Centros Culturais no Brasil é a sua ligação com empresas ou com o poder público. Estão espalhados por todo o país e todos nós os conhecemos. Geralmente eles mantém uma relação muito tradicional com a arte, distanciada e fria, que nem sempre ajuda a desenvolver a cultura, embora tenham um importante papel na divulgação destas.

A idéia de criação de um Centro Cultural gerido exclusivamente por estudantes pode permitir uma outra relação com a produção artística, mais livre e menos opulenta. Através dele pode-se abrir mais espaço para a arte em todas as suas fases. Um Centro Cultural que tenha salas de ensaio para música e teatro, atelier´s para a produção de artes plásticas, centros de editoração e montagem, etc. Que seja provido de salas de apresentação musical e teatral, de salas de exposição e espaços de convivência, num sentido de aproximação do público com a arte. Dedicado a todos os tipos de arte, e com programação intensa e continuada, comportando artistas universitários mas também outros. Capaz de desenvolver uma série de debates sobre a cultura brasileira. Este é nosso principal objetivo.

O Centro Universitário de Cultura e Arte já vem sendo pensado e contamos até com um projeto em fase inicial. A colaboração de mais pessoas para a concretização da idéia é fundamental.



Obra da escola de artes BAUHAUS



Tela do artista PICABIA

CIRCUITO ALTERNATIVO E CULTURA NACIONAL

Diz-se que que existe um circuito cultural quando um determinado tipo de obra circula em um universo (filmes circulam por um circuito de salas de exibição) ou quando um universo de obras circulam por um determinado segmento social. Desconhecemos boa parte da imensa produção cultural das universidades, temos muito pouco contato com o que fazem as universidades de outros locais e temos muito pouca troca de experiências. Apesar de toda a produção, as universidades não constituem um verdadeiro circuito.

O debate sobre a criação de um cicuito surgiu também na 2ª Bienal da UNE, em virtude da própria estrutura do Movimento Estudantil. Organizado em todo o pais, o Movimento Estudantil é a única estrutura que realmente interliga as diversas universidades. A idéia do circuito é a de utilizar essa estrutura para a divulgação e circulação das realizações artísticas universitárias. Para isso, o ideal é que cada entidade interessada crie seu próprio centro, que seria a sede local do circuito, permitindo que produções universitárias circulem por todo o Brasil. Essa estrutura poderia gerar um outro aspecto fundamental.

Pouco tem se debatido e formulado sobre a cultura nacional e quase nenhum movimento cultural inovador tem surgido. O exemplo do Manguebeat mostra que esses movimentos ainda são possiveis. A principal contribuição de uma estrutura como essa seria o acumulo de forças para fazer com que o debate sobre a cultura volte a tomar grandes proporções. Hoje não existem debates sobre a cultura, nem da parte dos artistas, pela falta de estruturas para dar consequência às reflexões, nem da parte da sociedade e do governo, que relegou a cultura ao dominio da mercantilização. Acreditamos ser possível reavivar um amplo debate sobre a cultura no Brasil e que seja capaz de fazer frente às imposições culturais que nos obrigam.

UMA PROPOSTA DE POLÍTICA CULTURAL PARA A UNE

O Centro Universitário de Cultura e Arte elaborou este texto para servir como base nas discussões sobre a área de cultura durante o Congresso da UNE. Ele é um resumo dos principais tópicos que o CUCA anda discutindo.

O CUCA

Desde que a idéia de criação dos Centros Universitários de Cultura e Arte tomou maiores proporções, com a realização da 2ª Bienal da UNE no Rio de Janeiro, uma série de dúvidas sobre o que seriam e o que fariam os CUCA´s vem sendo formuladas. Vão desde a comparação simplista com o CPC de 1962 até a controvérsia se a sigla significa "Centro" ou "Circuito". Não é para menos. Somos um grupo de estudantes universitários que assumimos a responsabilidade de formular um instrumento de intervenção cultural para a UNE. O CUCA ainda é apenas uma experiência. Obviamente procuramos apoio na fabulosa experiência do antigo CPC, que rendeu frutos ainda vivos. Nós mesmos iniciamos uma discussão sobre a possibilidade de criação de um verdadeiro circuito que envolvesse uma série de faculdades e universidades de todo o país. Todos esses questionamentos acabam por criar uma série de expectativas em torno do que devemos fazer.

Nem tudo pode ser respondido de prontidão. A experiência que estamos apenas começando vai dar as respostas com o amadurecimento. No entanto, alguns exclarecimentos sobre como nos juntamos, como estamos funcionando e o que estamos discutindo e formulando pode ajudar a avançar a compreenção sobre o CUCA.

O INÍCIO

Um grupo de estudantes universitários de vários cursos, ligados ou não às artes mas todos interessados no assunto, juntou-se em torno da idéia de construção da 2ª Bienal da UNE. As possibilidades de interferir nos rumos das artes brasileiras são muito pequenas, ainda mais para quem tem censo crítico e vontade de mudança. Lutar por mais liberdade e diversidade decriação num mundo dominado pelo pensamento único da mercantilização é tarefa difícil. A 2ª Bienal era um instrumento para isso.

A 2ª Bienal aconteceu depois de mais de um ano de preparação e debate, muitas vezes enfrentando divergências de concepções e atritos entre a organização do evento e própria diretoria da entidade. Nada mais normal! A experiência do CPC já tinha demonstrado que a relação entre a arte e a militância é mesmo controversa por natureza. Mas foi através destes debates que chegou-se a uma conclusão: só a Bienal não basta. Com um intervalo de dois anos entre as Bienais seria impossível uma intervenção real na produção cultural brasileira, dinâmica e muitas vezes desconhecida de nós mesmos.

Foi com a intenção de cobrir esse "buraco" que surgiu o Centro Universitário de Cultura e Arte: um instrumento de debate e realização artistica permanente para o Movimento Estudantil. Da Bienal para cá o período tem sido bastante conturbado mas o CUCA já realizou algumas atividades. Temos propostas objetivas para a potencialização desse trabalho e para um maior intercâmbio entre os estudantes/artistas universitários. Na prática, o CUCA tem sido um núcleo de formulação de políticas culturais para a UNE. Essas formulações são nosso maior capital.

POLÍTICA CULTURAL X POLÍTICA DE EVENTOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

A Universidade brasileira é um campo fervilhante de produção cultural, como bem observou a 2ª Bienal da UNE. Suas realizações são ricas de influências, diversificadas e diferenciadas. Sendo uma produção universitária, ainda consegue ser, em certa medida, livre da camisa de força do mercado e da indústria cultural. A universidade não é mais o reino da cultura "erudita", mas é meio aberto para o entrelaçamento das diversas culturas populares do Brasil, bem como absorve os últimos experimentalismos nacionais e extrangeiros.

A natureza dessa produção encontra poucos espaços de se expressar. A indústria cultural, os museus, os teatros, a televisão e o rádio, as editoras, as grandes salas de exibição, exigem regras pré-estabelecidas nas quais ela nem sempre se encaixa. Também as ruas e as praças, tradicionais espaços de manifestação da cultura popular, tem perdido a capacidade de centros de vivência pública. Surge a necessidade de criação de espaços de expressão em grande número para essa produção. Algumas dessas criações levam até anos para ficarem prontas e o contato com o público, objetivo final de todo artista, fica restrito às pequenas possibilidades da universidade atual.

Atentas a essa necessidade, que vai se demonstrando de maneira quase natural pelo volume de produção, as entidades do Movimento Estudantil vem desenvolvendo atividades culturais de exposição da produção universitária já a muito tempo. No entanto, devido à falta de uma estrutura que acumule essas experiências, a reflexão e a sistematização dessas atividades não acontecia, impossibilitando um maior desenvolvimento das atividades culturais.

O Movimento Estudantil tem sido marcado por uma relação com a produção cultural de um tipo quase que exclusivamente de exibição sem maiores perspectivas. Os diversos shows musicais, apresentações teatrais, exibições de filmes e vídeos e, em menor escala, lançamentos de livros, exposições de artes plásticas, etc, tem em comum a lógica de se encerrarem em sí, sem conecção uns com os outros. O M.E. realiza hoje uma política de eventos.

A política de eventos não configura um sistema, não se liga necessariamente a programas anteriores nem lança pontes necessárias para programas futuros. Os eventos não tem nada de errado em sí. São momentos de extrema importância em qualquer

cinema e na literatura. Esses setores, em especial, desenvolveram uma potente indústria cultural, que divulga, distribui e populariza as obras de acordo exclusivamente com o valor mercadológico. As artes plásticas ficam à mercê dos processos de curadoria de museus e salas de exposição, que utilizam critérios duvidosos. Para o teatro inexistem programas de circulação de espetáculos, sendo questionável até a existência de um verdadeiro "mercado". Existem sim grandes teatros e museus, reservados a nomes consagrados mas fechados a qualquer discussão sobre a produção iniciante.

A democratização das obras culturais no Brasil depende de uma modificação na sua distribuição. A UNE pode atuar no sentido de:

- lutar pela criação de empresas de distribuição cinematográfica, de música e de livros geridas pela população,
- lutar pela criação de programas de circulação de espetáculos teatrais e de obras de artes plásticas,
- lutar pela diversificação dos espaços de acesso às obras de arte (lojas de CD´s e livros, cinemas, teatros, museus, etc)
- apoio à leis que obriga a exibição de um curta metragem nacional antes de qualquer longa metragem.
- lutar pela abertura de mais espaços de divulgação cultural,
- lutar por maior divulgação das produções culturais

Do ponto de vista da UNE algumas outras iniciativas podem surgir. Manter um espaço teatral, de exposição de artes plásticas, de cinema e vídeo, uma livraria, etc, é um exemplo (ver box sobre Centro Cultural). A articulação de um circuito universitário de cultura e arte que garanta a troca de experiências também é muito válido. Esse ponto será tratado à parte, mais adiante.

NA TROCA OU PERMUTA

Esta fase da obra de arte é particularmente complicada. No mundo capitalista, o acesso à uma boa parte da produção cultural se mercantilizou. O preço de algumas obras é altíssimo. Basta ver quanto custa a entrada para alguns espetáculos teatrais em cartaz hoje em dia. Exigir o direito ao acesso às obras artísticas passa por uma discussão sobre o preço cobrado por isso. O preço pago por uma obra de arte raramente é revertido de maneira justa ao artista, ficando em grande parte à empresa distribuidora ou ao local de exposição/exibição. As gravadoras impossibilitam saber quantos CD´s são vendidos, por exemplo.

Por outro lado, é nesse ítem que o Movimento Estudantil mais tem atuado, embora nem sempre conscientemente. O direito à meia-entrada é, em última instância, uma ação que promove o acesso à obra de arte. Longe das polêmicas sobre quem tem o direito à distribuição das carteiras ou a quem tem direito à meia-entrada, o fato é que às vezes nos esquecemos de dizer que é só por podermos pagar meia-entrada é que podemos assistir a determinados espetáculos, peças, filmes, etc. A meia-entrada demostra a possibilidade real de interferir no acesso a um bem cultural no que diz respeito ao valor de troca dele.

Sugerimos as seguintes bandeiras:

- lutar pela obrigatoriedade de temporadas populares nos teatros, cinemas e salas de exposição,
- subvenção das apresentações e das obras artísticas vendidas a preço popular,
- ampliação das leis de incentivo fiscal para abarcarem também o acesso a exposições, peças e filmes
- lutar pela numeração dos CD´s vendidos ou por outra forma que garanta domínio sobre o montante da venda.

A UNE pode ter uma atuação específica nesse campo, basicamente garantindo a gratuidade de suas produções ou um preço o mais baixo possível.

NO USO DA OBRA

Um dos pontos mais importantes de uma política cultural mais séria e a que menos recebe atenção. Por vezes ela não é nem mesmo entendida. De que maneira você "usa" uma obra de arte? Pode-se simplesmente usá-la para pindurar na parede ou para embelezar uma estante. Mas de que maneira se "usufrui" de, por exemplo, uma apresentação teatral? Usufrui-se de uma obra de arte quando o espectador incorpora seu sentido, suas sensações, seu significado. Uma obra de arte só se completa quando o espectador se "modifica" em contato com ela, quando ele sai engrandecido do seu contato, o que transforma o produto cultural em bem cultural. Sem essa última fase, a arte não se realizou. Para que ela aconteça é preciso que o espectador tenha um certo aprendizado anterior, um certo domínio de linguagem, "que ele seja capaz de identificar a origem e as formas de manifestação formal desse bem em relação a seu conteúdo eventual". * Teixeira Coelho, obra citada.

Obra do artista Bispo do Rosário

Sendo assim, para se usufruir totalmente de um livro, é preciso anteriormente que se tenha aprendido a ler; para um filme, que se tenha conhecimento do código cinematográfico, e assim por diante. Todas as manifestações artísticas e culturais pressupõem um certo aprendizado de linguagem. Nos casos do cinema e da literatura, este conhecimento anterior é obvio. Mas em outros casos, como em algumas peças teatrais e principalmente em algumas manifestações das artes plásticas, o conhecimento dos códigos que estão sendo utilizados é muito defazado. Pode-se dizer que algumas manifestações artísticas estão "morrendo" por que o público não pestigia. Essa constatação em nada diz respeito à criatividade e às inovações intrinsecas dessas manifestações. Muitas delas carecem de público por que não existe um interesse na popularização de seus códigos, o que seria o principal incentivo para que o público comparecesse.

Para a realização de uma política cultural ampla, não basta apenas apresentar a obra de arte, é preciso cada vez mais fornecer os meios através dos quais toda e qualquer pessoa possa ser também um agente cultural. Uma série de medidas podem ser tomadas nesse sentido:

- lutar por mais cursos de iniciação a todos os tipos de arte,
- programas de formação e desenvolvimento de públicos nas escolas, comunidades, sociedade civil, etc,
- ampliação de debates sobre a formação cultural brasileira

A UNE pode desenvolver várias dessas atividades em seu próprio âmbito. Realização de cursos e debates, priorização de locais de atuação visando a formação de público, debates sobre a cultura brasileira, etc. É um tipo de trabalho que foi muito intenso na 2ª Bienal e que pode muito bem ter uma continuidade.

política cultural inteligente. O problema encontra-se em que, exclusivisando os eventos, o artista, produtor da obra, perde a condição de uma troca maior com o público e a perspectiva de crecimento artístico, e o público, razão final da obra de arte, acaba tendo uma relação parcial e meramente momentânea com a obra. A relação de apreciação e participação na cultura pode (e deve) ser de qualidade maior, a depender da estrutura que sustenta essa relação.

A construção de uma obra de arte leva em consideração uma série de fases e etapas que escapam à política de eventos. Alguns poderiam ser destacados: " a fase da produção propiamente dita do objeto cultural (preparação do roteiro, filmagem, montagem de um filme; impressão de um livro; montagem de uma peça teatral; realização de um desfile de carnaval);
2. a distribuição desse produto a seus consumidores finais (...) (distribuição do filme pronto às salas de exibição; distribuição do livro às livrarias e pontos de venda);
3. a troca ou permuta do direito de acesso ao produto cultural(...)
4 . o uso: momento da exposição direta do produto cultural àqueles a quem se destina e de sua apropriação por parte do público(...) é sua capacidade de transformar o receptor."
*Teixeira Coelho, Dicionário crítico de política cultural, iluminuras, 2ª edição, pág 345/347.

PROPOSTAS DE UMA POLÍTICA CULTURAL PARA A UNE

Uma política cultural para a UNE deve levar em consideração todas as etapas de construção artística em jogo na cultura, interferindo no sentido de modificar a situação dessa etapas e levando em consideração o fato de ser apenas um segmento social na intrincada sociedade brasileira. Significa dizer que a UNE pode e deve ter um posicionamento diante da arte feita nas universidades de acordo com os ideais e o papel que nossa entidade joga na política brasileira.

Uma aposta na diversificação da produção cultural é um caminho bastante acertado. Os museus, os teatros, os cinemas, as livrarias, etc, estão cheias de um ou de poucos tipos de obras culturais que não tem nenhuma relação direta com a diversidade da produção real que acontece no Brasil. Uma atuação coerente da UNE deve privilegiar uma maior equidade das diversas manifestações, privilegiando o que, na produção cultural atual, recebe menor espaço de produção, exibição, troca e

Obra da escola de artes BAUHAUS

fruição.

Sendo assim, sugerimos dois tipos de ação cultural para a UNE. Uma que depreenda uma luta pela maior democratização das fases de produção cultural e outra que depende exclusivamente de um esforço da entidade para sua realização.

NA PRODUÇÃO

O governo FHC vem progressivamente se esquivando de sua responsabilidade de fomento à produção. Transfere toda a responsabilidade para a iniciativa privada através principalmente das leis de incentivos fiscais (o movimento Arte Contra a Barbárie, de São Paulo, vem identificando esse problema de maneira exemplar). A produção artística ficou refém da escolha das empresas privadas em qual projeto deve ou não investir. Já que o dinheiro investido nessas escolhas vem da dedução de impostos das empresas, esse dinheiro é, na verdade, público, mas vem sendo gerido exclusivamente pelas empresas. A diversidade de produção fica comprometida (que empresa investiria num projeto inovador, que ainda não tem retorno midiático comprovado?) e o lobie é o único critério. Isso sem falar na utilização do dinheiro para beneficiar a própria empresa (como por exemplo a construção de um centro cultural para um banco utilizando o dinheiro deduzido de seu imposto).

A garantia de uma distribuição justa de recursos à produção cultural deve ser permanentemente modificada, de acordo com a realidade. Mas no momento, algumas formas de minimizar o problema podem ser:
- luta por maiores e mais justos investimentos na produção cultural,
- maior lisura na aplicação das leis de incentivos fiscais,
- criação de uma espécie de conselho gestor, composto por personalidades de reconhecido valor e escolhidas pelo meio artístico, para gerir um fundo de investimentos na produção cultural,
- criação de canais de participação de jovens artistas nesse conselho,
- criação de linhas de investimento em pesquisa e produção artística voltados para jovens artistas,
- apoio ao movimento "Arte Contra a Barbárie".

Por outro lado, a própria UNE pode ajudar diretamente a produção cultural universitária, mantendo, por exemplo, salas de ensaio para música e teatro, atelier´s, editando livros, produzindo filmes e vídeos, etc (ver box sobre Centro Cultural). Essas iniciativas não só são possíveis como também não são novas. Entre as obras recentemente produzidas pela UNE encontram-se o livro "O Poder Jovem", de Artur Poerner e o vídeo "Universidade Urgente", realização de 1994 do Departamento de Comunicação da UNE. Mais recentemente, o lançamento do livro "A Nação Hip-Hop", de Paulo Shetara, já uma realização do CUCA.

NA DISTRIBUIÇÃO

A distribuição das obras de arte pelos espaços de acesso é um elemento de extrema importancia. Nele acumulam-se uma série de problemas da produção cultural. Uma recente pesquisa do IBGE acusa uma situação alarmante no que dis respeito ao número de salas de espetáculo e exibição (de filmes ou de artes plásticas) por todo o país. Seria muitíssimo errado afirmar que nesses locais "falta cultura", já que as manifestações culturais de um povo acontecem independentemente dos espaços reservados para elas. Mas de qualquer forma, essa escaces de locais destinados ao acesso artístico restringe a integração do país.

Os desvios vão se acumulando. Sabe-se que não é tão difícil assim, por exemplo, gravar um CD hoje em dia (a gravação de um CD custa, em média, R$ 2,00). O difícil é fazer esse CD chegar a um número razoável de lojas, bem como uma divulgação igualmente considerável, possibilitando que um maior número de pessoas possam ouví-lo. Empresas gigantescas, em grande parte multinacionais, dominam quase que completamente esse mercado, monopolizando as possibilidades de popularização de uma obra.

Na música esse esquema foi muito bem denunciado pelo cantor Lobão, mas isso acontece também no

Com quantos PORQUÊS se faz um CUCA!

O 50º Conselho Nacional de Entidades Gerais da UNE- CONEG - que aconteceu dias 16, 17 e 18/03 - SP, foi um dos espaços onde estudantes de vários cursos de todo país tiveram a oportunidade de expor suas idéias para estruturação do que será realmente o Centro Universitário de Cultura e Arte - CUCA

O CUCA surge a partir do momento em que artistas do meio universitário percebem a importância de criar um espaço alternativo para discussão, produção e circulação de cultura e arte. É uma ação de fomentação cultural, que deixe de ser eventual e passe a ser permanente, que valorize os processos de criação. Na Bienal e no CONEG as pessoas começaram a se perguntar como se dará a prática do CUCA em suas regiões. É preciso entender que o CUCA não tem receita pronta, o que há são ingredientes.

O CUCA compreende a produção cultural em todos os seus níveis, da idéia à apresentação. Dentro e fora das universidades brasileiras existem artistas procurando viabilizar sua produção individualmente, muitas vezes encontram dificuldades que desestimulam e transformam o fazer artístico em ato de resignação. Neste caso, o principal ingrediente do CUCA é a união de artistas e entidades estudantis em parceria com outras entidades afins para engrossar a trincheira da guerrilha cultural.

Já existem muitos exemplos de mostras e movimentos universitários e alternativos que representam bem o espírito do CUCA. Experiências positivas que apontam a vivência e o diálogo artístico como poderosos agentes transformadores de realidades desfavoráveis. É preciso ver a produção cultural por uma necessidade lúdica, existencial e pela sua finalidade social.

A construção dos CUCA´s pelo Brasil

Um lugar totalmente improvisado. Mas isto parece não ter nenhuma importância diante da empolgação do pessoal do DCE da Ufop (Universidade Federal de Ouro Preto). Depois de algumas negociações com a reitoria, eles conseguiram um espaço perto do Restaurante Universitário, construíram um teatro de madeirite e já estão colocando o Cuca para funcionar.

A inauguração fez parte da programação do 3º Trote da Cidadania. A peça *As Medéias*, encenada por estudantes de artes cênicas da Universidade, abriu o Cuca. Entrada foi um quilo de alimento não perecível, doado a um asilo da cidade.

O espaço foi decorado por grafiteiros, escolhidos em um concurso.

Sem regras

Veteranos e calouros conferiram o trabalho de vários artistas universitários de Ouro Preto e Belo Horizonte. Além de *As Medéias*, passaram pelo palco do Cuca o DJ Washington e as bandas Le Gatho (Ouro Preto), Mandrake e O Tropa (Belo Horizonte).

"Estamos abrindo um novo espaço para exposições, peças de teatro, shows, campeonatos de xadrez, encenações de fantoches etc. Apesar de ser uma cidade universitária, Ouro Preto carece de espaços como este. Queremos mostrar para a comunidade o que está sendo produzido pelos estudantes", explica Charles Fabiano de Sá, presidente do DCE. Os centros acadêmicos da Ufop já foram contatados e muitos já programaram atividades para o novo centro cultural.

O diretor de Relações Internacionais da UNE, Danilo Moreira, participou do painel "Os desafios da universidade pública brasileira" e conheceu de perto o Cuca de Ouro Preto. "Saímos da Bienal de Cultura da UNE com este propósito: espalhar o Cuca pelo Brasil, abrindo cada vez mais espaços para a cultura universitária. A fórmula é uma só: não ter fórmulas prontas, nem padrões rígidos a serem seguidos. Vamos botar o Cuca pra funcionar de acordo com as possibilidades de cada lugar".

Campinas - SP - Tem mais cucas rolando por aí. O DCE da PUC de Campinas aproveitou a semana da calourada para começar a organizar o seu circuito de cultura e arte, com um evento recheado de exposições, peças de teatro, curtas metragens e shows com artistas da própria PUC e de outras faculdades. A moçada do DCE promoveu também um debate para discutir a implantação - de forma mais permanente - do Cuca na PUC.

"Queremos começar a colocar a idéia na rua. Montamos uma comissão que vai organizar o núcleo, mas o Cuca está aberto a todos que queiram ajudar. Estamos abertos a projetos, idéias e trabalhos artísticos", explica Renata Petta, coordenadora-geral do DCE. "Vamos participar diretamente da organização do Cuca, mas ele será independente do DCE ou de qualquer outra entidade".

Mas a iniciativa já começou com boa briga: a universidade não está liberando espaço para eventos artísticos e culturais, principalmente shows. A reitoria alega problemas com o barulho e já reprimiu festas com seguranças mal-educados e violentos. "Esta é uma preocupação que temos: abrir a universidade para os estudantes, para o pessoal que estuda e passa boa parte do seu dia aqui. Não dá para aceitar que a universidade negue espaço para a produção cultural de seus próprios alunos", reclama Renata.

Feira de Santana - BA - Quem está tocando o trabalho por lá é a Ana Carolina Miranda, que fez parte da coordenação de organização da Bienal da UNE. Ela já apresentou o projeto para o centro cultural da Universidade Estadual de feira de Santana (cuja sigla, por absoluta coincidência, é Cuca), que vai apoiar a realização de uma mini-exposição dos trabalhos que rolaram na Bienal da UNE. "Nosso principal objetivo é o intercâmbio com outras universidades e faculdades do Brasil. Queremos 'exportar' o que os artistas daqui produzem e trazer trabalhos de todo o país para a nossa cidade", explica Carol.

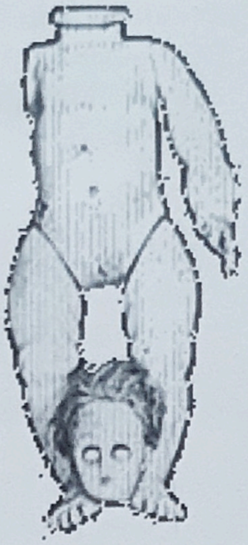
Foz de Iguaçu - Paraná - A calourada também foi o ponto de partida para a organização do Cuca em Foz do Iguaçu. A primeira atividade foi o debate realizado com o ator Francisco Milani, que falou da necessidade de um circuito alternativo com palcos para artistas que resistem às imposições da indústria cultural. A partir daí, várias idéias foram levantadas, começando pelo 1º Encontro de Teatro de Rua de Foz do Iguaçu, que será organizado por artistas da universidade e da comunidade.

"Vamos procurar inclusive o pessoal de Ciudad del Leste, no Paraguai. Ainda temos pouco contato com eles, mas queremos usar o Cuca como forma de aproximação", diz Eliandro Avancini, vice-presidente do DCE da Unioeste.

Ele explica ainda que Foz do Iguaçu concentra mais de 50 etnias e tem a segunda maior colônia de árabes e chineses do Brasil. "Não vamos nos isolar na universidade. Nossa idéia é ajudar a resgatar a arte e a cultura destes povos com a ajuda dos estudantes, através do Cuca", completa Eliandro.

Os exemplos de Campinas, Feira de Santana e Foz do Iguaçu ajudam a entender melhor a fórmula sem regras do Cuca. O objetivo da UNE é articular um circuito alternativo, aproveitando o espaço e os talentos das universidades, sem que os estudantes fiquem isolados do restante da sociedade. Sem burocracia, a ordem é pôr o Cuca pra funcionar!

Seminário de organização dos CUCA´s



Já esta sendo organizado um seminário para esclarecer melhor a idéia dos CUCA´s
Sabemos que ele vai acontecer em São Paulo, provavelmente nos dias12 e 13 de maio, com local à confirmar. Fique ligado no sítio da UNE para confirmação desses dados.
www.une.org.br

Editorial:

Textos:
Cumpadi Luis,
Pricila Lolata,
João Ramos,
Cumpadi
Ernesto e o
pessoal do sítio
da UNE

Arrumação
visual:
Cumpadis
Ernesto e Luis

Do CPC ao CUCA

O último debate da 2ª Bienal da UNE era o que esperávamos ser o de maior importância para o Movimento Estudantil. Estava colocado em discussão a possibilidade de criação de algo parecido com o que foi o CPC, repensado e voltado para os dias de hoje. O título do debate foi "Do CPC à Criação do Circuito Alternativo: Perspectivas Para um Trabalho de Cultura em Conjunto Com a UNE." Contou com a participação de Ferreira Gullar, Fernando Peixoto, Aldo Arantes, Wadson Ribeiro e teve participação especial de Jalusa Barcellos.

A tônica do debate girou em torno da motivação política que impulsionava os artistas que participaram da criação do CPC: todos eles enchergavam a alternativa de debater e conhecer o Brasil através da produção artística, sob a perspectiva de uma transformação socialista da sociedade. O nosso "espírito da época" já é bastante diferenciado daquele, mas o debate se justificava em dois aspectos: a possibilidade de um salto qualitativo no trato com a cultura, através da consolidação de uma estrutura permanente de produção artística, e a necessidade intrínseca dos artistas e da própria cultura brasileira de pensar sobre sí mesma de maneira mais global e unificada.

A realização de uma atividade como a Bienal da UNE é de extrema importância. Através dela é possível perceber, ao menos parcialmente, o panorâma artístico universitário atual, permitir o contato e a troca de experiências de grupos artísticos de todo o país, debater e identificar erros e acertos nos rumos da cultura brasileira e até mesmo esboçar uma opinião no mundo das artes. Mas com um intervalo de dois anos entre as Bienais, dificilmente seria possível estabelecer uma verdadeira política cultural para o M.E., capaz de influir com maior peso no cenário artístico brasileiro. Acreditamos que, tanto quanto o evento em sí, o convívio de artistas com um objetivo único por um longo período é bastante importante. Dessa forma, a alternativa apresentada pela Bienal para suprir essa lacuna é a criação dos Centros Universitários de Cultura e Arte: uma estrutura permanente de trabalho cultural que reúna artistas universitários e que favoreça, através dos CA´s, DCE´s, UEE´s e da UNE, a circulação da produção artística em âmbito nacional.

A idéia principal é a de que haja um movimento de aproximação mútuo entre os estudantes que façam algum tipo de arte e as entidades estudantis. O CUCA tem que ser interessante ao artista! Se ele não oferece nada de novo e de prático, dificilmente aglutina gente. Daí acharmos importante que o CUCA tenha uma produção própria, que permita a realização artística em conjunto com a entidade. Ou seja, não é só alugar palco e som e fazer a divulgação do show. É criar um estúdio no qual a banda possa compor e ensaiar. Assim o estudante interessado na área cultural se vincula mais à entidade e pode ter disposição de trabalhar pela consolidação do CUCA.